

Ernst Bloch e a Felicidade Prometida

Suzana Guerra Albornoz*

Conhecido e admirado por um grupo bastante numeroso de estudiosos, com muitas teses acadêmicas que lhe têm sido dedicadas, na Alemanha como em outros países da Europa e América do Norte e, mesmo, algumas, no Brasil, Ernst Bloch, contudo, não tem estado presente nas discussões predominantes da academia e da mídia neste começo de século XXI e, se nos anos da moda do marxismo podia parecer demasiado utópico ou herético para os ortodoxos da doutrina do socialismo científico, em tempos de pós-modernismo e pós-marxismo mantém um discreto lugar à margem, pelo que me parece interessante, ainda hoje, ao abordar um aspecto de seu pensamento, começar pela apresentação do filósofo, sua vida e sua obra.

Ernst Bloch nasceu a 8 de julho de 1885, em Ludwigshafen, Alemanha. Filho de uma família de origem judaica, viveu intensamente o drama dos judeus alemães no século XX. Por outro lado, a situação geográfica especial de Ludwigshafen, frente a Mannheim, segundo ele próprio viria a afirmar, influenciou sua consciência ao mesmo tempo socialista, solidária com a classe operária, cuja situação era clamorosa na Ludwigshafen industrial, e humanista, ávida da cultura artística clássica, esta que brilhava nos salões da Mannheim imperial.

Bloch estudou Música, Filologia, Física e Filosofia: de 1908 a 1911, em Berlim, onde foi colega de Georg Simmel; de 1911 a 1914, em Heidelberg, onde foi aluno de Max Weber e colega de Karl Jaspers e Georg Lukács, com quem desenvolveu longa afinidade.

Humanista e socialista, pois, durante a primeira guerra mundial, Bloch se recusou a lutar, exilando-se na Suíça.

Casou-se pela primeira vez com Else von Stritsky, russa de origem aristocrática, de profundas convicções religiosas, que morreria precocemente, em 1921. Em sua única obra até hoje traduzida para o português – *Thomas Münzer, teólogo da revolução*, o filósofo mostra seu entusiasmo com o misticismo cristão, tão forte na Rússia, e com os novos caminhos sociais e políticos de dimensão messiânica trilhados pelo povo russo naqueles anos

* Professora da UNISC – Universidade de Santa Cruz do Sul.

da Revolução de 1917, sendo estes elementos evidentemente aliados a um *pathos* doloroso, que expressa, de algum modo, o luto recente.

Após a República de Weimar e com o advento do nazismo na Alemanha, em 1933, começa um longo período de exílio – Zürich, Viena, Praga e, finalmente, em 1938, os EEUU, onde a segunda esposa, Karola Bloch, arquiteta, providenciaria o sustento da família.

Terminada a segunda guerra mundial, em 1949, Bloch pôde escolher entre a Universidade Goethe, de Frankfurt, na Alemanha ocidental, e a Universidade Karl Marx, em Leipzig, na Alemanha oriental, tendo optado por esta, coerente com seus ideais socialistas.

Todavia, suas ideias eram demasiado livres e originais, demasiado “idealistas” para o gosto da ortodoxia do partido comunista da então DDR e, após a repressão da rebelião da Hungria em 1956, quando se manifestou solidário com o povo húngaro e contra a intervenção autoritária, o filósofo e seus discípulos passaram a ser vigiados, impedidos de falar, perseguidos, por isto, em 1961, por ocasião de uma licença para visitar amigos, a família Bloch não retornaria a Leipzig, iniciando o período de Tübingen, na Suávia, ao sul da Alemanha ocidental.

Os últimos dezesseis anos do filósofo, que acompanharam os efervescentes decênios da revolta dos jovens pelo mundo, foram de intensa atividade docente e também de liderança política, desenvolvida sobretudo como inspiração da geração estudantil e a partir daquela encantadora cidade universitária, academicamente famosa também porque, no século XIX, seus mais ilustres alunos, os jovens Hegel, Hoelderlin e Schelling, honraram o seu seminário luterano de teologia. Ali, às margens do rio Neckar, ao lado da Torre de Hoelderlin, morreu Ernst Bloch a 4 de agosto de 1977.

Em sua longa existência e peregrinação, o filósofo da utopia desenvolveu uma imensa cultura múltipla, enciclopédica, que logo se faz notar em seus escritos. Sua filosofia da música impressiona pela erudição, assim como toda a história da filosofia, do direito, da arte, enfim, toda a história da civilização, da cultura, do espírito humano encontra lugar em sua reflexão, sobretudo a história das utopias, que são analisadas nos seus mais diversos aspectos – utopias literárias e filosóficas, mas também geográficas, arquitetônicas, técnicas, médicas, religiosas.

A grande enciclopédica filosófica das utopias desenvolvida pela obra blochiana dá testemunho da abundante informação e profundo conhecimento do filósofo de tudo aquilo que podemos chamar de “margens da história do espírito”, quais sejam: os pensadores

renascentistas, as tendências esotéricas da gnose e da mística alemã, os mitos astrais, a apocalíptica, a maçonaria, a alquimia; as seitas cristãs consideradas heréticas e, na tradição judaica, o hassidismo, o messianismo, a cabala... enfim, de tudo aquilo que move o espírito humano na direção do novo, portanto, em sentido estrito, do utópico, mas que se apresenta como que na sombra, ao lado da corrente central da filosofia ocidental, de origem e feição gregas; portanto, à margem das formas mais dominantes da história cristã, com predomínio da influência romana e, no judaísmo, também à margem da luminosa tradição racionalista rabínica.

O gênero em que Bloch escreve é o ensaio, barroco e expressionista. Em seu texto é abundante o uso da metáfora, das imagens, das figuras que funcionam como símbolos ou formam alegorias, pelo que se pode dizer que é ao mesmo tempo conciso e prolixo, aberto à múltipla interpretação.

A vida de Ernst Bloch dá testemunho de uma concepção de felicidade: suas grandes paixões foram a filosofia e a reflexão, sobre a arte e a história, também a história das ciências, do direito e das religiões. Humanista e socialista, termos que identificam dois modos de ser e pensar hoje algo fora de moda, pelo menos postos em questão, também por quem toma como aquisição inquestionável o “desaparecimento do sujeito” postulado pelas tendências estruturalistas das ciências humanas, Bloch manteve fidelidade aos ideais morais e humanos de sua juventude, sem aderir ao ativismo político. À obediência ao Estado, preferiu a desobediência ao lado do pacifismo; ao alinhamento ao partido, preferiu a ilustrada liberdade de pensamento e expressão.

Para seguir seus ideais ou, poderíamos talvez dizer, seus sentimentos e paixões, foi forçado muitas vezes a exilar-se e emigrar, o que tornou a fazer até a idade de 76 anos, quando chegou a Tübingen, à qual seu nome ficaria associado, sendo chamado às vezes de “o mago de Tübingen”, não só pelo teor de seus assuntos prediletos e teses sobre os aspectos ocultos da história do espírito, como também pela célebre magia de sua palavra, exercida com arte peculiar, tanto a palavra oral como a escrita.

Os textos múltiplos nas obras completas mostram o desenho geral de uma concepção que atribui um lugar próprio à felicidade, identificada ao país do sonho e da utopia: a *Schlaraffenland*, o *Pays de Cocagne*, os *Chateaux en Espagne*, a nossa *Pasárgada* de Manuel Bandeira, o *País das maravilhas*, de uma Alice que não permanece pequena como criança.

A felicidade se encontra naquele mundo sonhado que se pode antever através da vitrine de Natal, que é buscado pela concreta luta política e que, até certo ponto, é realizado, ainda que de modo fragmentário, pelas grandes obras de arte, como nas sinfonias de Beethoven.

A antropologia filosófica contida nos textos desta obra, tal como se pode depreender de uma leitura geral, afirma uma concepção do homem como um ser de pulsões, que pressionam em direção de sua satisfação. Ao ser humano não é negado o movimento e a brecha da liberdade, tal como o fazem os determinismos, biológico-naturais ou econômico-sociais, mas também não é negado nem esquecido o elo íntimo do espírito com a matéria, a vida, a carne, base que comanda a aparição da pulsão, do instinto, do desejo, da aspiração, da fome.

São diversas as fomes humanas e o autor não esquece de tematizar as do corpo como as do afeto, as do conhecimento como as do espírito. Tais fomes múltiplas, que se apresentam em tão vários níveis e ante objetos de substância tão diversa, mostram as reais carências dos seres humanos, sendo estas sintomas de suas possibilidades ainda não realizadas.

As possibilidades humanas, dimensões do humano ainda não bem realizadas, apresentam-se e antecipam-se nos sonhos acordados, diurnos, dos que Bloch desenvolve ampla fenomenologia, assim como os sonhos noturnos são interpretados pelas diversas escolas da psicanálise.

A ciência aplicada à medicina busca a superação da dor, da doença, da morte, assim como dos limites naturais da genética. Inúmeras questões novas e desafios nos são colocados para a reflexão ética em nosso tempo justamente por causa dos avanços realizados pela ciência genética e pela medicina, que transformam hoje em realidade os sonhos acordados dos cientistas de ainda há pouco. O que hoje é possível e mesmo o que é real seriam considerados utópicos, com certeza encarados como impossíveis no século XVIII e em grande parte do século XIX, talvez também na primeira parte do século XX, ou mesmo em todo ele, entre o comum dos mortais que não acompanham de perto a evolução dos conhecimentos científicos. O desejo de controlar a dor, a doença, a morte, melhorando a qualidade geral e alongando a expectativa de vida, continua a animar o progresso das ciências que apoiam a medicina, e é de causar espanto a transformação, neste último século, da potência utópica em realidades ou potencialidades à beira da realização.

A arquitetura dá veemente testemunho de ir em busca da realização da utopia, identificada esta com o sonho humano da criação do espaço ideal para a felicidade e a representação da dignidade da vida humana.

E este mesmo impulso se mostra no esforço para superar fronteiras, alma do que Bloch chama de utopias geográficas, que inspiraram as grandes navegações do tempo do Renascimento alimentadas pelo sonho do Eldorado, assim como leva hoje à pesquisa de outros lugares para o homem na exploração espacial.

Por sua vez, a literatura registra de modo muito particular as imaginações de um modo de vida social sem miséria e sem desigualdades, seja predominantemente pela ordem ou pela liberdade. A história literária das utopias na modernidade é uma história rica e nada inócua, cheia de criatividade positiva, em ligação muito estreita com a realidade moderna, posta em contínuo movimento atrás da realização da utópica ideia de progresso, com o que este contém de processo de mudança e avanço científico-tecnológico, mas também de promessa de felicidade.

A ciência aplicada à técnica moderna busca superar os limites que prendem o homem ao trabalho penoso, à falta de tempo para o descanso, à lentidão da viagem, ao chão da terra. Os movimentos sociais na modernidade buscam igualdade, fraternidade, liberdade, maior justiça nas relações humanas, quer dizer, condições para a felicidade, individual e coletiva.

O impulso de ser-mais, melhor e mais feliz, aparece no cotidiano, manifestando-se no detalhe da vestimenta, do enfeite, da maquiagem, assim como se expressa e fala mais alto na fantasia que se eleva acima do comum e cotidiano, no picadeiro, no palco, no carnaval. Nas artes, sobretudo na música, o conteúdo da utopia, este núcleo que carrega a substância da felicidade, mostra-se como realidade, embora fragmentária.

É evidente que estamos lidando com um conceito *sui generis* de utopia, que precisamos considerar com cuidado.¹

Neste universo conceitual, os sonhos acordados, diurnos, não se identificam ao impossível; os sonhos diurnos coletivos das assim chamadas utopias, em vez do impossível, tal como o preconceito vulgar quereria afirmar, indicam o possível embutido no real, sendo

¹ Para explorar melhor este conceito, remeto a meus trabalhos anteriores: *Ética e Utopia* (1985), *O Enigma da Esperança* (1999) e *Violência ou não-violência* (2000), cuja Bibliografia orienta adiante.

que cada tempo possui sua “utopia concreta”, aquele novo histórico que “está por ser realizado”, à beira de tornar-se realidade.

Para Ernst Bloch, cuja idade adulta e ativa cobre o período de 1907 a 1977, a utopia concreta foi o socialismo, a luta de emancipação socialista pela afirmação de novos direitos das classes trabalhadoras e a conquista de novas condições humanas de igualdade, dignidade, felicidade.

A felicidade de caráter individualista é considerada ideológica, enganosa e precária. A busca da felicidade coletiva, de caráter altruísta, é também utópica mas, em outro sentido, é também verdadeira e real: verdadeira e digna, moralmente, porque altruísta, e também verdadeira porque, sendo expressão coletiva, indica de modo concreto, politicamente, a possibilidade real.

É óbvio que a felicidade não se encontra por todo lado em redor de nós. Durante a segunda guerra mundial, enquanto escrevia sua grande obra-prima, *O Princípio Esperança*, Ernst Bloch tinha muitos motivos para reconhecer a insuficiência e a infelicidade do presente, ao qual se referia, com forte tom de crítica ao mundo dirigido em função do capital, como ao “momento obscuro do presente”, o que podemos bem compreender, sendo que as tragédias daquele tempo ainda são fantasmas muito vivos nas obras culturais do mundo de hoje.

A felicidade da superação das fomes humanas, inclusive do respeito aos direitos humanos, que correspondem à ideia da dignidade humana, atualmente é esperança. Mas não é “mera esperança”, como algo que se posterga indefinidamente e deva ser classificado entre as ilusões ou, quem sabe, entre as superstições da humanidade. É esperança fundada na realidade, porque o desenvolvimento científico e técnico e a capacidade de produção dos homens já tornou este sonho apto a tornar-se realidade, só sendo necessária a conjunção das condições objetivas com as subjetivas, ou seja, a superação da “estultice culpada”, dos enganos e desvios políticos e morais, da decisão humana e da liberdade.

Em outros termos, para que a felicidade coletiva possa começar a tornar-se realidade, o desenvolvimento necessário é mais do plano da “vontade política”, do aperfeiçoamento cultural e psicológico, do que antes se diria como “espírito”, pois as condições materiais estão dadas.

Referências Bibliográficas

ALBORNOZ, Suzana. *Ética e Utopia*. Porto Alegre: Movimento, 1985.

ALBORNOZ, Suzana. *O Enigma da Esperança*. Petrópolis: Vozes, 1999.

ALBORNOZ, Suzana. *Violência ou Não-Violência*. Sta Cruz do Sul: Edunisc, 2000.